

O texto no tempo em que não havia gramáticas

Maria Teresa Brocardo

In linguistic studies two very distinct areas approach texts from different perspectives: text linguistics, for which texts are the study objects, and historical linguistics, that uses texts as sources for the collection of data from past synchronies. From the historical linguistics perspective, I intend to draw attention to some issues related to the notions of 'text' and 'testimony', suggesting that the contribution of text linguistics, and in particular the notion of 'genre', could be of great importance to the approach of texts as sources for diachronic studies.

I focus on some specificities of Medieval texts, presenting examples of extant Portuguese written records.

No âmbito dos estudos linguísticos, duas áreas, à partida muito diferenciadas, se não mesmo distantes, se debruçam, centralmente, sobre o(s) texto(s): por um lado, claro, a linguística do texto, por outro, a linguística histórica. No primeiro caso o texto, ou os textos, «produções linguísticas empíricas e atestadas» (Coutinho 2003: 119), correspondem ao próprio objecto de estudo; no segundo, os textos constituem-se antes como *fonte*. Explorá-los é incontornável em função das restrições impostas pelo objecto de estudo da linguística histórica – a mudança linguística – não directamente observável, e cuja abordagem pressupõe, metodologicamente, o contraste de dados linguísticos de diferentes sincronias. Nestas incluem-se, necessariamente, sincronias passadas, indirectamente acessíveis (apenas ou quase exclusivamente) pelas produções escritas remanescentes¹ – os textos (e sublinharei adiante como esta é uma noção problemática na disciplina) – aqui entendidos, nas palavras de Lass (1997: 44), enquanto «first-order witnesses to the more distant linguistic past».

¹ Situo-me aqui numa perspectiva (mais) restrita da disciplina, excluindo quer os estudos que envolvem a reconstrução de línguas ou fases de línguas não atestadas, quer estudos sobre mudança em curso, que assentam na observação (directa, i. e., não mediada pelos textos) de dados da variação linguística.

Este pequeno trabalho tem como objectivo lançar algumas sugestões para a discussão sobre o potencial de enriquecimento mútuo destes dois olhares, tão diferentes, sobre as produções textuais. As minhas considerações, nelas se incluindo a retoma de aspectos tratados já em trabalhos anteriores, são evidentemente focadas a partir dos estudos linguísticos diacrónicos. As referências, exemplos e problemas são colhidos na história do português, revisitando textos já trabalhados em diferentes perspectivas.

No tempo em que não havia gramáticas...

As *gramáticas* do título remetem, naturalmente, para descrições mais ou menos explícitas do funcionamento da língua, ou *fontes secundárias* (na acepção de, por exemplo, Castro 2006 e obras anteriores), embora nestas se incluam, em rigor, vários outros tipos de instrumentos – dicionários, por exemplo, mas também qualquer tipo de observação, comentário, ou mero registo da expressão de opinião de alguém sobre o funcionamento da língua, ainda que marginal, e que para o linguista histórico sempre pode constituir indício ou pista para a recuperação / interpretação dos dados linguísticos. Mas em fases das histórias das línguas para as quais não existem as tais *gramáticas* (chamemos-lhes assim, generalizando, e até porque são elas a fonte

secundária por excelência), o texto, *fonte primária*, assume, ou deve assumir, se se quiser escapar a uma excessiva idealização dos dados, um protagonismo dramático.

O reconhecimento deste protagonismo nos estudos linguísticos diacrónicos levou, em abordagens mais tradicionais (sem que esta caracterização implique qualquer menorização), a uma ligação estreita, se não mesmo, por vezes, a uma quase identificação entre a linguística histórica e filologia. Mais modernamente, a valorização da construção e exploração de grandes corpora históricos constitui uma outra forma de reconhecimento do papel central do texto nesta área. Mas independentemente do posicionamento teórico e decorrente metodologia, para o estudo de fases de uma língua de que não temos *gramáticas*, é sempre crucial considerar todos os parâmetros que definem e caracterizam o texto, sendo ele o (único) veículo das formas e construções linguísticas, desde logo para poder aferir a fiabilidade da própria atestação.

Nos estudos sobre história do português é já clássica a discussão sobre, por exemplo, a adequação de um dado 'tipo' de texto para estudos linguísticos (cf. Cintra [1963] 1999², sobre 'subtipos' de textos 'não literários') ou, mais especificamente, para estudos de diferentes níveis de análise (cf. Silva 1989: 15-54, com observações parcialmente retomadas em Silva 2008: 30-45).

Embora me centre aqui, tal como, entre muitos outros, os autores citados, no texto medieval, a discussão que pretendo lançar situa-se de certo modo antes desta problemática, focando questões como a própria noção de *texto* e os problemas que levantam as diferentes tipologias geralmente consideradas.

O texto-fonte é um sobrevivente...e não é um texto

Muitas, variadas e complexas questões

se colocam quando abordamos o texto como fonte, veículo das formas e construções linguísticas de uma sincronia passada, e no qual temos de algum modo de confiar para recuperar os dados linguísticos desse passado. Entre as observações, mais ou menos triviais, que já muitos sublinharam, conta-se a de que não devemos esquecer que os textos do passado são apenas 'sobreviventes' (cf. *infra*), os que restaram de uma produção original irrecuperável. Olhar para um texto do passado implica também uma espécie de anacronia, como observado por, mais, uma vez, (Lass 1997: 2):

«A text may be 1,000 years old, and we know that perfectly well, but we look at it in the present as a survivor, and recognize that even though it 'is', the proper verb really is 'was'. We are simply being granted in an obvious way (...) the privilege of looking as if it were paradoxically back into time.»

Um outro aspecto foi reiteradamente sublinhado por Cerquiglini (1989: 62), especificamente a propósito do texto medieval em língua românica, a *variância* que lhe é inerente, e que decorre da sua concepção, das suas formas de produção e processo de transmissão por cópia manuscrita, processo esse que, potencialmente multiplicando os testemunhos, por eles dissemina *o texto*:

«La variance de l'oeuvre médiévale romane est son caractère premier, altérité concrète qui fonde cet objet (...) Cette variance est si générale et constitutive que (...) on pourrait dire que chaque manuscrit est un remaniement, une version.»

Em função destas especificidades das produções textuais medievais (e de resto, como veremos, não exclusivas do texto 'literário'), uma distinção se impõe entre *texto* – conceito neste contexto necessariamente abstracto – e *testemunho* – o objecto concreto que nos é acessível, o tal 'sobrevivente'. É

sabido que mesmo em certos ‘tipos’ de texto cuja motivação de produção, de carácter, digamos simplificando, meramente prático ou funcional, pressuporia, modernamente, imutabilidade ou fixidez, há variação bastante sensível entre diferentes testemunhos, que todos aceitam, no entanto, corresponderem ao *mesmo texto*. Um exemplo bem conhecido é o dos dois testemunhos remanescentes (dos treze originalmente produzidos) do *Testamento de Afonso II* de 1214 – veja-se o confronto, lado a lado, das duas versões conservadas do texto em Castro 2006: 112-117, em que se assinalam variantes de diferentes tipos, de gráficas a lexicais, de ordem de palavras, etc.

Exemplos também conhecidos encontram-se em diferentes textos classificados como pertencentes à ‘prosa literária’ e dentro desta à ‘historiografia’ (na terminologia de Silva 1989, 2008). Já em trabalho anterior (Brocardo 1998) sublinhei a enorme diversidade e riqueza das variantes assinaláveis no confronto de (apenas) dois testemunhos (os manuscritos 439 BGUC (Testemunho C) e 146.B.7 BSGL (Testemunho G)) da *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* de Zurara, de que aqui reproduzo alguns exemplos (as variantes são assinaladas a negro):

(a)
os fidallgos que naquella parte guardavã sem rregra ne~ orde~ / ___ ordenança
Hy ... loguo çear / Ide ___
fezerão o que lhe seu senhor mamdara / ___ mandava
pervemtura que muitos delles buscam rreitores e oradores / ___ buscaram

sua destroyção que ... sera escarmemto / ___ lhe sera escarmemto
começarã a buscar maneira / começará de buscar ___
lhe rrogou sobr'ello / o rrogou ___
lhe daria socorro se lhe comprisse / lhe

daria o socorro que lhe comprisse
Gomçallo Vaz trabalhava como cu~pria a tal home~ / ___ convinha ___

O comde tynha jaa rrecado ... que / ___ avia ___

E nõ seja allgu~ que queyra presumir que nos fimgemos esta soma ser mayor por e~grandeçermos nossa estoria, ca devem ter que / ___ ca debes [devês] ter que

Em contrapartida, e como foi também já notado, a relação entre diferentes testemunhos não se esgota, tratando-se de textos medievais, dentro de uma mesma tradição textual (um ‘mesmo’ texto). Ela ocorre também por vezes entre textos diferentes mas relacionados de diversos modos – actualização, reformulação, refundição, etc., em função de diferentes finalidades da retoma textual – o que é muito frequente, por exemplo, em textos historiográficos. Estudei em tempos as partes coincidentes de duas das crónicas africanas de Zurara (Brocardo 1998-1999), em que se contam passagens, mais ou menos extensas, de ‘texto comum’, assinalando-se em certos casos variantes equiparáveis à que encontramos numa mesma tradição textual, e sendo noutros casos, naturalmente, as diferenças mais profundas.

É patente, como noutras ocasiões procurei sublinhar, o interesse, para estudos linguísticos diacrónicos, de uma atenta análise deste tipo de dados. Numa perspectiva textual, eles sem dúvida apelam a um olhar diferente, reforçando a ideia de que abordar um texto medieval com um olhar moderno seria grosseiramente anacrónico. Tal como diz Cerquiglini (1989: 43), «Tout, dans l’inscription littéraire médiévale, paraît échapper à la conception moderne du texte.»

As edições a que inevitavelmente recorreremos tendem a reduzir a variância constitutiva do texto medieval (parafraseando Cerquiglini 1989: 62) a uma unicidade que o torna objecto (mais facilmente) analisável, e por isso os menos

atentos poderão confundir *o texto* que lhes é dado a ler – construção ou reconstrução mais ou menos bem arquitectada – com uma unidade que, em rigor, não terá nunca existido, nem mesmo em termos conceptuais.

Também no que respeita mais especificamente à veiculação dos dados linguísticos a edição pode ser, como é sabido, transfiguradora, chegando a interferir de forma decisiva na atestação. Veja-se o seguinte exemplo, retirado do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. No manuscrito (cf. Brocardo 2006), lemos:

(b)
porque eles ouuirã dizer a seus padres e a outros muytos que forã daquel te~po que esto forã presentes

Na edição de Mattoso (1980)², as duas últimas formas verbais aparecem com 'forum', o que parece indicar que o editor as interpretou como formas de pretérito perfeito, e em consonância restituiu-lhes a grafia etimológica. Por um lado, não é seguro que as formas em causa sejam de perfeito – podem, no contexto, ser de mais-que-perfeito, e nesse caso a correcção seria abusiva. Caso contrário – admitindo tratar-se, de facto, de formas de mais-que-perfeito – a intervenção apaga um dado linguístico da maior relevância para a história da língua: já teriam convergido as terminações nasais destas formas na época em que o manuscrito em causa foi produzido (finais do séc. XIV).

O que aqui, muito brevemente, pretendi mostrar é que, quer num perspectiva do *texto* (enquanto noção ou concepção), quer numa perspectiva da *gramática*

² A referida edição contempla todo o 'texto' do *Livro de Linhagens*, supostamente baseando-se no confronto de vários manuscritos, mas o exemplo aqui dado é retirado de uma passagem em que o editor segue explicitamente apenas um deles, o mais antigo (e fragmentário) dos conservados.

(tendo em vista a recuperação e interpretação dos dados linguísticos de uma sincronia), a actividade editorial, ao pretender dar a ler 'um texto', pode transfigurar, mais do que seria admissível, o objecto sobre o qual trabalha, ou seja, o(s) testemunho(s). E termino este ponto citando, outra vez também, Lass (1997: 102):

«Much of our 'textual' data (...) is also second-order, not first-order, built on the shakiest of foundations, and less trustworthy than the results of standard linguistic reconstruction.»

Tipologia(s) das fontes escritas medievais – um exemplo

Uma outra especificidade que se nos depara na abordagem das fontes escritas medievais tem que ver com a(s) sua(s) tipologia(s). Para começar, socorramonos de definições de 'género', confrontando duas:

«(...) correspondendo os géneros de texto às formas comunicativas relativamente instáveis (ou relativamente estabilizadas, num determinado período histórico, para uma sociedade ou grupo social), de que qualquer texto participa necessariamente (ainda que por divergência).» Coutinho (2003: 119)

«genre: A historically stable variety of text with conspicuous distinguishing features. (...) The key fact about a given genre is that it has some readily identifiable distinguishing features that set it off markedly from other genres, and that those features remain stable over a substantial period of time. It is characteristic of every genre that the outward form of expression is of vital significance, and at least as important as the content.» (Trask 1999: 104-105) (sublinhados meus)

Coutinho prefere começar por referir a relativa 'instabilidade' do género, concedendo, no entanto, a sua relativa esta-

bilização em função de um dado período histórico. A estabilização histórica do género é, aparentemente, o traço definatório essencial no caso de Trask. Mas ainda que estejamos perante autores de áreas tão diferenciadas – texto vs. linguística histórica – ambos precisam a relatividade histórica do género.

Procurando um exemplo de tratamento desta questão no âmbito da história da língua portuguesa, em Castro (2006: 78-94 e obras anteriores) começamos por encontrar a clássica separação entre 'literário' e 'não-literário'. Não seria possível discutir aqui (nem eu saberia) todos os problemas que esta primeira 'classificação' implica. Aceitemos que se justifica para o tratamento de textos-fonte sobretudo pelo que típica e maioritariamente ocorre em termos de conservação dos respectivos testemunhos – originais datados no primeiro caso, autógrafos não datados nem localizados no segundo.³ Entre os itens incluídos pelo autor entre os textos 'literários', encontramos os 'Nobiliários', um exemplo bem expressivo da necessária contextualização histórica definitiva do género. Observando um representante específico deste item de fontes escritas do português medieval (o mesmo testemunho a que recorri acima), depara-se-nos, no entanto, o seu carácter claramente híbrido. Confrontem-se passagens propriamente lingüísticas, como a do exemplo (c), com passagens narrativas, entremeadas de diálogo, em (d), bem mais próximas, por exemplo, dos textos de carácter historiográfico, um outro item da 'bibliografia de textos literários' de Castro (ibid.).

(c)

E a suso dita dona froilhe rodriguez de pereira yrmaa de dō pero rodriguez de pereira filhos de dō Rodrigo gonçalvez e de dona sancha anriquez de porto careiro como ia falamos e~ este Tº

³ Embora tenha defendido em trabalho anterior (Brocardo & Emiliano 2002: 275) uma distinção entre 'tipologia de texto' e 'tipologia de fonte'.

parafro xi. foi casada cō dō pero fernãdez portogal. filho de dom fernã ramirez como se mostra no Tº Li. de dō ramiro quartela parafro primo. E fez e~ ela dona Tereia perez. e dona moor perez que foi casada con dō Afonso rodriguez grãde amor.

(d)

Dise dō Alvaro gonçalvez de pereyra priol da ordem da caualaria de sam iohã no Reino de portogal que fezese mostrar a uera cruz do marmelar que lhi el mãdara trager. e o priol dom alvaro de pereira mãdou uestir huu~ crerigo de misa e~ uestime~tas aluas. e a uera cruz e~ hu~a asta grãde que a podessem ueer de todas partes e fez o crerigo caualgar e~ huum muu muyto aluo. e trouxe a uera cruz ant'el Rei. e dixelhi o priol dō alvaro. Senhor uedes aqui a uera cruz oradea e poede e~ ela feuz e pedidelhi que aquel que prendeu morte e payxõ e~ ela por uos saluar. qu'el uos faça ue~cedor destes que som cõtra a sua fe. E nõ dultedes que pela sua uertude. e por os boos fidalgos uosos naturaas que aqui teedes Auedes de ue~cer estas lides. e uos auedes de ue~cer primero. El Rei e aquels que cõ el estauã forõ muy ledos e esforçados destas palauras do priol dō alvaro. e dixerõ asi o cõpra iesu cristo.

Mais uma vez, portanto, o *texto* medieval nos impõe um olhar diferenciado e atento à multiplicidade de facetas que lhe são próprias, e que sempre deverão considerar-se na sua abordagem como fonte. Parece em casos como este ser de toda a relevância uma perspectiva como a de Coutinho (ibid.), que desde logo aponta a 'instabilidade' como definitiva do género.

Nota final

Perante as breves notas aqui expostas, poder-se-ia, de forma algo negativa, concluir que, afinal, não há textos (medievais, pelo menos...): os testemunhos escritos de que hoje dispomos são

apenas os que em certo sentido 'sobreviveram', ou 'sobraram', são talvez os menos interessantes, quem sabe os menos representativos dos estádios passados da língua a que se referem... Além disso, as classificações, em termos tipológicos, em que geralmente são enquadrados não são, de todo, óbvias, parecem mesmo por vezes inadequadas. Prefiro concluir de forma mais positiva. Do 'tempo em que não havia *gramáticas*' restam-nos diferentes tipos de *testemunhos* (noção da crítica textual que é crucial, em meu entender, também para a linguística histórica), as *fontes primárias*, que são, apesar de tudo, analisáveis e interpretáveis (mas não, evidentemente, manipuláveis), não sendo, porém, redutíveis, nem por excesso nem por defeito, a uma concepção moderna de *texto*, o que decorre, além do mais, das circunstâncias dos seus processos de produção e transmissão. É preciso, sempre, ter presente que *o texto medieval* é uma abstracção e que a ele muitas vezes acedemos apenas através de uma (inevitável) (re)construção. Por isso, é essencial, ao usá-lo como fonte para estudos linguísticos diacrónicos, ter em consideração todos os aspectos da sua especificidade (e de que aqui me limitei a apontar alguns poucos exemplos). Só assim se poderão a vir a definir de forma mais rigorosa os parâmetros classificatórios para, por exemplo, uma codificação adequada de corpora históricos. Um dos aspectos em que é necessário trabalhar é uma (re)definição de tipologias, convocando a noção de 'género', pouco usada entre nós em linguística histórica, e nessa tarefa a 'expertise' da área da linguística do texto será indispensável.

Referências

Brocardo, M. T. (1998) As 'variantes' como objecto de estudos linguísticos diacrónicos. In Ruffino, G. (ed.) *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Vol. VI, Tübingen: Max Niemeyer, pp. 47-57

Brocardo, M. T. (1998-1999) Variação nas Crónicas de Zurara. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 22, pp. 227-243

Brocardo, M. T. (2006) Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV). Lisboa: IN-CM

Brocardo, M. T. & A. Emiliano, A. (2002) Considerações sobre a Edição de Fontes para a História da Língua Portuguesa. *Santa Barbara Portuguese Studies* 6, pp. 272 - 286

Castro, I. (2006) Introdução à História do Português. Lisboa: Colibri

Cintra, L. F. L. ([1963] 1999²) Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie. In: Faria, I. H. (org.) *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos / FLL, pp. 199-215

Coutinho, M. A. (2003) *Texto(s) e Competência Textual*. Lisboa: FCG / FCT

Lass, R. (1997) Written records: evidence and argument. In: *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: CUP, pp. 44-103

Mattoso, J. (1980) *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum*, Nova Série. Vol. II/1. Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição Crítica. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa

Silva, R. V. M. e (1989) *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: IN-CM

Silva, R. V. M. e (2008) *O Português Arcaico. Uma Aproximação*. Vol. I. Lisboa: IN-CM

Trask, R. L. (1999) *Key concepts in Language and Linguistics*. London: Routledge